
COMPANHIA DAS LETRAS

FAREWELL

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**





**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
FAREWELL

POSFÁCIO
Vagner Camilo

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Unidade
A carne envilecida
A casa do tempo perdido
Acordar, viver
A grande dor das cousas que passaram
A ilusão do migrante
A loja feminina
Aparição amorosa
Aristocracia
Arte em exposição
As identidades do poeta
A um ausente
Bordão
Cabaré Palácio
Canção final
Canção flautim
Coração-de-Carlos
Desligamento
Diante de uma criança
Dois sonhos
Duração
Elegia a um tucano morto
Enumeração
Escravo em Papelópolis
Fera
Fora de hora
Glaura revivida
Imagem, terra, memória

Invocação irada
Liberdade
Missão do corpo
Não passou
Noite de outubro
O malvindo
O peso de uma casa
O rei menino
O segundo, que me vigia
Os vasos serenos
Os 27 filmes de Greta Garbo
Perturbação
Por quê?
Queda
Reinauguração
Restos
Romancetes
Sono limpo
Tânatos tanajura
Verbos
Zona de Belo Horizonte, anos 20

Posfácio

As ressonâncias do breve adeus,

VAGNER CAMILO

Leituras recomendadas

Cronologia

Caderno de imagens

Crédito das imagens

Índice de primeiros versos

FAREWELL

UNIDADE

As plantas sofrem como nós sofremos.
Por que não sofreriam,
se esta é a chave da unidade do mundo?

A flor sofre, tocada
por mão inconsciente.
Há uma queixa abafada
em sua docilidade.

A pedra é sofrimento
paralítico, eterno.

Não temos nós, animais,
sequer o privilégio de sofrer.

A CARNE ENVILECIDA

A carne encanecida chama o Diabo
e pede-lhe consolo. O Diabo atende
sob as mil formas de êxtase transido.
Volta a carne a sorrir, no vão intento
de sentir outra vez o que era graça
de amar em flor e em fluida beatitude.
Mas os dons infernais são novo agravo
à envilecida carne sem defesa,
e nada se resolve, e o aroma espalha-se
de flores calcinadas e de horror.

A CASA DO TEMPO PERDIDO

Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu.

Bati segunda vez e outra mais e mais outra.

Resposta nenhuma.

A casa do tempo perdido está coberta de hera

e a metade; a outra metade são cinzas.

Casa onde não mora ninguém, e eu batendo e chamando

e a dor de chamar e não ser escutado.

Simplesmente bater. O eco devolve

minha ânsia de entreabrir esses paços gelados.

A noite e o dia se confundem no esperar,

sem bater e bater.

O tempo perdido certamente não existe.

É o casarão vazio e condenado.

ACORDAR, VIVER

Como acordar sem sofrimento?
Recomeçar sem horror?
O sono transportou-me
a aquele reino onde não existe vida
e eu quedo inerte sem paixão.

Como repetir, dia seguinte após dia seguinte,
a fábula inconclusa,
suportar a semelhança das coisas ásperas
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?

Como proteger-me das feridas
que rasga em mim o acontecimento,
qualquer acontecimento
que lembra a Terra e sua púrpura
elemente?
E mais aquela ferida que me inflijo
a cada hora, algoz
do inocente que não sou?

Ninguém responde, a vida é pétrea.

A GRANDE DOR DAS COUSAS QUE PASSARAM

A grande dor das cousas que passaram*
ransmutou-se em finíssimo prazer
quando, entre fotos mil que se esgarçavam,
ive a fortuna e graça de te ver.

Os beijos e amavios que se amavam,
lescuidados de teu e meu querer,
outra vez refluindo, esvoaçaram
em orvalhada luz de amanhecer.

Ó bendito passado que era atroz,
e gozoso hoje terno se apresenta
e faz vibrar de novo a minha voz

Para exaltar o redivivo amor
que de memória-imagem se alimenta
e em doçura converte o próprio horror!

* Verso de Camões. (N. A.)

A ILUSÃO DO MIGRANTE

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
vão entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,
a moldura da nossa vida,
a rígida cerca de arame,
a mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,
ludem a nossa fome
le primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
lo mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso.

A LOJA FEMININA

Cinco estátuas recamadas de verde
na loja, pela manhã, aguardam o acontecimento.
É próprio de estátuas aguardar sem prazo e cansaço
que os fados se cumpram ou deixem de cumprir-se.
Nenhuma ruga no imobilismo
de figurinos talhados para o eterno,
que é, afinal, novelo de circunstâncias.

iguais as cinco, em postura vertical,
um pé à frente do outro quase suspenso
na hipótese de voo, que não se consumará,
em direção da porta sonora
para ser aberta para alguém desconhecido
— Vênus certamente, face múltipla —
ressomar em tom de pesquisa,
apontando o estofo, o brinco, o imponderável
que as estátuas ocultam em sigilo de espelhos.

Passaram a noite em vigília,
nasceram ali, habitantes de aquário,
programadas em uniformes verde-musgo
para o serviço de bagatelas imprescindíveis.

Sabem que Vênus, cedo ou tarde,
provavelmente tarde e sem pintura,
chegará.
Chega, e o simples vulto
aciona as esculturas.

Ao cintilar de vitrinas e escaninhos,

Objetos deixam de ser inanimados.
Antes de chegar à pele rósea,
a pulseira cinge no ar o braço imaginário.
O enfeite ocioso ganha majestade
própria de divinos atributos.
Fudo que a nudez torna mais bela
acende faíscas no desejo.
As estátuas sabem disto e propiciam
a cada centímetro de carne
uma satisfação de luxo erótico.

O ritmo dos passos e das curvas
das cinco estátuas vendedoras
gera no salão aveludado
a sensação de arte natural
que o corpo sabe impor à contingência.
Já não se tem certeza se é comércio
ou desfile de ninfas na campina
que o *spot* vai matizando em signos verdes
como tapeçaria desdobrante
do verde coletivo das estátuas.

Hora de almoço.
Dissolve-se o balé sem música no recinto.
Não há mais compradoras. Hora de sol
batendo nos desenhos caprichosos
do mouro manso já marmorizado.
As estátuas regressam à postura
móvel de cegonhas ou de guardas.
São talvez manequins, de moças que eram.
O viço humano perde-se no artifício
das coisas integrantes de uma loja.
Se estão vivas, não sei. Se acaso dormem
o dormir egípcio de séculos,

se morreram (quem sabe), se jamais
existiram, pulsaram, se moveram,
não consigo saber, pois também eu
invisível na loja me dissolvo
nesse enigma de formas permutantes.

APARIÇÃO AMOROSA

Doce fantasma, por que me visitas
como em outros tempos nossos corpos se visitavam?
Tua transparência roça-me a pele, convida
a refazermos carícias impraticáveis: ninguém nunca
um beijo recebeu de rosto consumido.

Mas insistes, doçura. Ouço-te a voz,
mesma voz, mesmo timbre,
mesmas leves sílabas,
e aquele mesmo longo arquejo
em que te esvaías de prazer,
e nosso final descanso de camurça.

Então, convicto,
ouço teu nome, única parte de ti que não se dissolve
e continua existindo, puro som.
Aperto... o quê? A massa de ar em que te converteste
e beijo, beijo intensamente o nada.

Amado ser destruído, por que voltas
e és tão real assim tão ilusório?
Já nem distingo mais se és sombra
ou sombra sempre foste, e nossa história
invenção de livro soletrado
sob pestanas sonolentas.
Ferei um dia conhecido
seu vero corpo como hoje o sei
se enlaçar o vapor como se enlaça
uma ideia platônica no espaço?

O desejo perdura em ti que já não és,
querida ausente, a perseguir-me, suave?
Nunca pensei que os mortos
o mesmo ardor tivessem de outros dias
e no-lo transmitissem com chupadas
de fogo aceso e gelo matizados.

Tua visita ardente me consola.
Tua visita ardente me desola.
Tua visita, apenas uma esmola.

ARISTOCRACIA

O Conde de Lautréamont
era tão conde quanto eu,
que sendo o nobre Drummond
valho menos que um plebeu.

ARTE EM EXPOSIÇÃO

CASAMENTO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

COM A POBREZA (*Sasseta*)

O amor te escolheu
por seres a mais casta
entre virgens ideais.
A união é do ar
e da água e do pão
em migalhas.

AUTORRETRATO (*Soutine*)

Sou eu ou não sou eu?
Sou eu ou sou você?
Sou eu ou sou ninguém,
e ninguém me retrata?

MÚSICOS CEGOS (*Velázquez*)

Violino e guitarra são videntes,
olham pelos olhos dos cantantes.

RETRATO DE MADAME HÉBUTERNE (*Modigliani*)

Plantada na torre do pescoço,
a cabeça, na altura,
mal percebe nossas inquietações de planície.

O GRITO (*Munch*)

A natureza grita, apavorante.
Doem os ouvidos, dói o quadro.

LEDA (*Da Vinci*)

Já gozaste demais, diz Leda ao cisne.

Que venha logo Jove cataclismo.

GENTIL HOMEM BÊBADO (*Carrà*)

De Baudelaire o conselho:

É preciso estar sempre bêbado.

Além do imaginário e do real

é preciso estar sempre sóbrio

para pintar a bebedeira.

ODALISCA VERMELHA (*Matisse*)

A indolência da odalisca em rosa rubra

respira paz de lânguido fervor.

A sensualidade se dilui:

outra cor.

A CADEIRA (*Van Gogh*)

Ninguém está sentado,

mas adivinha-se o homem angustiado.

A CIGANA ADORMECIDA (*Henri Rousseau*)

Para te acordar

o sono profundo

disfarço-me: leão

que ao te roçar

esquece a missão.

A PONTE DE MANTES (*Corot*)

Assim quisera eu ser:

entre árvore canoa água serena

ignorante de tudo mais bem longe.

A ANUNCIAÇÃO (*Fra Angelico*)

O anjo desprende-se da arquitetura

para dar a notícia

precisamente conforme a traça
le sublime arquiteto.

ALMOÇO SOBRE A RELVA (*Manet*)

Conversamos placidamente
unto da nudez
que pela primeira vez
não nos alucina.

VÊNUS E O ORGANISTA (*Ticiano*)

O som envolve a nudez
e chega ao cachorrinho.
O músico esquece a partitura.
As pulseiras de Vênus não escutam.

TRADENTES (*Portinari*)

Fez-se a burocrática justiça.
O trono dorme invencível vingado.
Postas de carne do sonhador
referem o caminho das minas.

CAFÉ NOTURNO (*Van Gogh*)

Alucinação de mesas
que se comportam como fantasmas
reunidos
solitários
glaciais.

TRANSVERBERAÇÃO DE SANTA TERESA (*Bernini*)

Visão celestial, doce delírio.
Da cabeça aos pés nus
êxtase (orgasmo?) relampeia.

RETRATO DO CASAL ARNOLFINI (*Jan van Eyck*)

A imagem reproduz-se até o sem-fim.
O casal sem filhos
gera continuamente nos espelhos
a imagem de perpétuo casamento.

SALOMÉ (*Giorgione*)
Que instinto maternal, que suavidade
embala esta cabeça decepada?

VÊNUS ADORMECIDA (*Giorgione*)
Acalenta no sono
o púbis acordado.

PARADISIM DO MANICÔMIO (*Van Gogh*)
O jardim onde passeia a ausência de razão
é todo ele ordem natural.
A terra acolhe o desvario
que assimila a verdura e a leveza do ar.

VOULTAIRE (*Houdon*)
O mundo não merece gargalhada. Basta-lhe
o sorriso de descrença e zombaria.

SAPATOS (*Van Gogh*)
Cansaram-se de caminhar
ou o caminho se cansou?

AUTORRETRATO COM COPO DE VINHO (*Chagall*)
Seja celebrada a alegria nas alturas
por cima dócil das mulheres.
A cavalo melhor se chega ao céu.

QUADRO I (*Mondrian*)
Universo passado a limpo.

Linhas tortas ou sensuais desaparecem.
A cor, fruto de álgebra, perdura.

CARNAVAL DE ARLEQUIM (*Miró*)
Descobri que a vida é bailarina
e que nenhum ponto inerte
mula o viravoltar das coisas.

FUZILAMENTO NA MONCLOA (*Goya*)
Balé de tiros gritos corpos derrubados.
A lanterna tranquila
encena para a esperança da Ressurreição.

AS TRÊS GRAÇAS (*Rubens*)
Curvilíneos volumes se consultam
e concluem:
Beleza é redundância.

PIETÀ (*Miguel Ângelo*)
Dor é incomunicável.
O mármore comunica-se,
recusa-nos a todos.

A DUQUESA DE ALBA (*Goya*)
Ser o cachorrinho da Duquesa
é de certo modo
ser uma partícula da Duquesa.

MOISÉS (*Da Vinci*)
O ardiloso sorriso
alonga-se em silêncio
para contemporâneos e pósteros,
ansiosos, em vão, por decifrá-lo.
Não há decifração. Há o sorriso.

RETRATO DE ERASMO DE ROTTERDAM

Quentin Metsys)

Sanidade de escrever,

Insanidade de escrever

equivalem-se. O sábio

equilibra-se no caos.

AS IDENTIDADES DO POETA

De manhã pergunto:

Com quem se parece Fernando Pessoa?

Com seus múltiplos eus, expostos, oblíquos
em véu de garoa?

Com tripulantes-máscaras de esquiva canoa?

Com elfo imergente

em frígida lagoa?

Com a garra, a juba, o pelo amaciado
de velha leoa?

Quem radiografa, quem esclarece

Fernando Pessoa,

leixe de contrastes, união de chispas,
deluvião de lajes

figurando catedral ausente de cardeais,
com duendes oficiando absconso ritual
vedado a profanos?

Que sina, frustrado destino, foi a coroa
de lesse Pessoa,

morto redivivo, presentifuturo
no céu de Lisboa?

Que levava (leva) no bolso

Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa:

crônico bilhete de identidade,
identity card

válido por cinco anos ou pela eternidade?

Que leva na alma:

augúrios de sibila,

Portugal a entristecer,
a desastrosa máquina do universo?

Fernando Pessoa caminha sozinho
pelas ruas da Baixa,
pela rotina do escritório
mercantil hostil
ou vai, dialogante, em companhia
de tantos si-mesmos
que mal pressentimos
na seca solitude
de seu sobretudo?

Afinal, quem é quem, na maranha
de fingimento que mal finge
e vai tecendo com fios de astúcia
personas mil na vaga estrutura
de um frágil Pessoa?

Quem apareceu, desapareceu na proa
de nave-canção
e confunde nosso pensar-sentir
com desconforto de ave poeisa
e doçura de flauta de Pã?

À noite divido-me:
quiseio saber,
prefero ignorar
esse enigma chamado Fernando Pessoa.

A UM AUSENTE

tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompestes
sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Feu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar,
porque depois dele não há nada?

tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
nodulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza,
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
por que o fizeste, por que te foste.

BORDÃO

Em torno de um bordão organiza-se o espírito.
O bordão, seu poder e sua circunstância.
Nada ocorre de belo, nada ocorre de mal
Fora da sonoridade do bordão.

Repetir é viver e criar ressonâncias
Constringidas pelo muro de um jardim
Que não chega a florir e esparze cicatrizes
Nas begônias violáceas em hora de sentir.

De sentir ou voltar à pauta do bordão,
Asas presas no sótão ou no campo filmado?
Que se escuta afinal ou não se escuta mais
O pingar repetido, no vácuo prefixado de sempiterno bordão?

CABARÉ PALÁCIO

A história de Minas passa um momento na Rua Guaicurus
— é noite, a luz espanta lobisomens —
sobre a escada sonora, e no salão repleto,
entre ruivas, louras, morenas, índias e mulatas
vindas de Montevideu, Buenos Aires, Madri e Tremedal,
saúda respeitosamente
Madame Olímpia Vazquez Garcia,
senhora da Galiza e do puteiro belo-horizontino.

Cessam
ricas e futricas do jogo político das Alterosas,
amentos de esmagados, filáucias de proponentes,
umor de escravos escavando ouro e morte nas galerias de Morro Velho,
procissões de formigas cuiabanas tosando meticulosamente talos verdes,
fantasmas de mulas de latim debruçados sobre ex-alunos do Caraça,
iros à sorrelfa (letais) nas emboscadas de Manhuaçu.
Cessa tudo que a vida morna ostenta,
que outro valor, de Vigo, se alevanta
e acolhe a prosternada
uribulação mineira de pau duro
ou já deficitária, não importa,
nas sempre a Eros erguendo novas aras.

Conspícuos pais da pátria,
lamívomos tribunos,
banqueiros, coronéis, beneméritos da Santa Casa de Misericórdia,
algum Secretário da Fazenda encapuzado
em hidrófilo sigilo,
respeitáveis chefes de família respeitabilíssima
ofertam a Madame Olímpia a catleia de louvor

que ela recebe ativa e sagrada qual Minerva.

Sua ampla testa lisa
encarna o poder
sobre rebanhos, apólices e complexos de Minas Gerais
e a procissão noturna espoca em febre
de bolhas beijos bolinações babas de batom.

Salve,
imperatriz da farra honesta dos montanhese
que de dia cultivam Platão, o Dever, a Democracia,
ropeçando nos quartos sanguinolentos de Tiradentes,
e à noite estendem a vossos pés galegos
sua vocação de orgia e aniquilamento no esperma.

CANÇÃO FINAL

Oh! se te amei, e quanto!
Mas não foi tanto assim.
Até os deuses claudicam
em nugas de aritmética.

Meço o passado com régua
le exagerar as distâncias.
Fudo tão triste, e o mais triste
é não ter tristeza alguma.

É não venerar os códigos
le acasalar e sofrer.
É viver tempo de sobra
sem que me sobre miragem.

Agora vou-me. Ou me vão?
Du é vão ir ou não ir?
Oh! se te amei, e quanto,
quer dizer, nem tanto assim.

CANÇÃO FLAUTIM

Se gostasses de mim,
u, se gostasses,
se gostasses de mim
— serenim —
era tudo alecrim.

Se gostasses de mim
— mirandolim —
eu morria. Morria?
le gozo no sem-fim.

E gostaste. Gostavas?
le mim.
Era tão sem aviso,
era tão sem propósito
— trancelim —
eu saltava, delfim.

E dançava, tchim,
sem notar, ai de mim:
não era tanto assim.
Gonçálim.

lá não gostas de mim.
É fácil percebê-lo.
Vagueio pepolim
o caminho de nada.
Saponim.

Restaria o gerânio,

l senha no jardim?
O lenço ou a colcheia
o róseo bandolim
lo ventre da joaninha?

Candorim?
Xerafim?

Mal gostasses de mim,
outra vez carmesim
ou morria, eu vivia
le gozo por três vezes,
nirá, mirandolim.

Pelo gozo passado
em faro de jasmim
— palanquim —
elo gozo presente
o metal do clarim
— trampolim —
elo gozo futuro
em verso folhetim
— farolim —
que farei deste sim?

Se gostares de novo
eremos o festim
o parque, na piscina
ou no estrapotim,
em relva entrelaçados
im tintim noutro tim
eremos o marfim
le lavor impecável
ia infinda perspectiva

lo fim.

Se não
gostares mais de mim
le mim de mim de mim,
sumirei na voragem
no báratro, no pélago
— vótorantim —
no vórtice abissal
la tristeza total
lo cálculo de rim.

Ah, se gostasses de mim!

CORAÇÃO-DE-CARLOS

Coração-de-Carlos, estrela
que não vislumbro no céu,
nas palpito só de vê-la
cravada no meu chapéu,

o qual de resto não uso
desde tempos imemoriais,
embora não fosse druso
nenhum dos meus ancestrais.

DESLIGAMENTO

Ó minh'alma, dá o salto mortal e desaparece na bruma, sem pesar!
Sem pesar de ter existido e não ter saboreado o inexistível.
Quem sabe um dia o alcançarás, alma conclusa?

Ó minh'alma, irmã deserta, consola-te de me teres habitado,
se não fui eu que te habitei, hóspede maligno,
com irritação, com desamor, com desejo de ferir-te:
que farei sem ti, agora que te despedes
e não prometes lembrar este corpo destituído?

Ó minha, ó de ninguém, ó alma liberta,
a parceria terminou, estamos quites!

DIANTE DE UMA CRIANÇA

Como fazer feliz meu filho?
Não há receitas para tal.
Todo o saber, todo o meu brilho
le vaidoso intelectual

vacila ante a interrogação
gravada em mim, impressa no ar.
Bola, bombons, patinação
alvez bastem para encantar?

imprevistas, fartas mesadas,
ouvores, prêmios, complacências,
milhões de coisas desejadas,
concedidas sem reticências?

Liberdade alheia a limites,
verdão de erros, sem julgamento,
e dizer-lhe que estamos quites,
conforme a lei do esquecimento?

Submeter-me à sua vontade
sem ponderar, sem discutir?
Dar-lhe tudo aquilo que há
le entontecer um grão-vizir?

E, se depois de tanto mimo
que o atraia, ele se sente
sobre, sem paz e sem arrimo,
alma vazia, amargamente?

Não é feliz. Mas que fazer
para consolo desta criança?
Como em seu íntimo acender
uma fagulha de confiança?

Eis que acode meu coração
e oferece, como uma flor,
a doçura desta lição:
dar a meu filho meu amor.

Pois o amor resgata a pobreza,
vence o tédio, ilumina o dia
e instaura em nossa natureza
a imperecível alegria.

DOIS SONHOS

O gato dorme a tarde inteira no jardim.
Sonha (?) tigres enviesados a chamá-lo
para a fraternidade no jardim.
Gato sonhando, talvez sonho de homem?

Continua dormindo, enquanto ignoro
a natureza e o limite do seu sonho
e por minha vez
ambém me sonho (inveja) gato no jardim.

DURAÇÃO

Fortuna, ó Glória, se evapora,
e a glória se esvanece, Glória.
Não assim o cisco da hora
— nossa —, que desdenhou a História.

Há de restar, Glória — ossatura
lesfeita embora em linha espúria —
le modo, Glória, que a criatura,
norta, de amor ostente a fúria.

ELEGIA A UM TUCANO MORTO

Ao Pedro

O sacrifício da asa corta o voo
no verdor da floresta. Citadino
serás e mutilado,
paricatura de tucano
para a curiosidade de crianças
e indiferenças de adultos.
Sofrerás a agressão de aves vulgares
e morto quedarás
no chão de formigas e de trapos.

Eu te celebro em vão
como à festa colorida mas truncada,
projeto da natureza interrompido
no azar de peripécias e viagens
do Amazonas ao asfalto
da feira de animais.
Eu te registro, simplesmente,
no caderno de frustrações deste mundo
pois para isto vieste:
para a inutilidade de nascer.

ENUMERAÇÃO

Velhos amores incompletos
no gelo seco do passado,
velhos furores demenciais
esmigalhados no mutismo
de demônios crepusculares,
velhas traições a doer sempre
na anestesia do presente,
velhas jogadas de prazer
sem a menor deleitação,
velhos signos de santidade
atravessando a selva negra
como cervos escoraçados,
velhos gozos de torva índole,
velhas volúpias estagnadas,
velhos braços e mãos e pés
em transtornada oscilação
logo detida, velhos choros
que não puderam ser chorados,
velhos issos, velhos aquilo
dos quais sequer me lembro mais...

ESCRAVO EM PAPELÓPOLIS

Ó burocratas!

Que ódio vos tenho, e se fosse apenas ódio...

É ainda o sentimento

la vida que perdi sendo um dos vossos.

FERA

Às vezes o tigre em mim se demonstra cruel
como é próprio da espécie.

Outras, cochila

ou se enrosca em afago emoliente
nas sempre tigre; disfarçado.

FORA DE HORA

Entrega fora de hora
é posse fora de hora.
Quem mandou
você atrasar a hora,
você apressar a hora,
você aceitar a hora
não madurada
ou demasiado madura?

O tempo fora de hora
não é tempo nem é nada.
O amor fora de hora
é como rolar a escada.

GLAURA REVIVIDA

Certa rua começa algures e vem dar no meu coração.
Nessa rua passa um conto feito de pedacinhos de histórias
de ouro, de velhos, de estrume, de seleiros falidos.
Nessa rua acaba de passar
uma menina-e-moça de tranças e *blue jeans* pela calçada.
É um violão andando, um som
trazendo algures de ontem a nenhures de eternidade.

IMAGEM, TERRA, MEMÓRIA

*Sobre uma coleção de velhas fotografias
de Brás Martins da Costa*

Vejo sete cavaleiros
em suas selas e silhões.
As diferentes idades não
listinguem uns dos outros.
Os varões, as amazonas,
os meninos, seus corcéis
e suas mulas serenas
destacaram. Dentro em pouco
vai começar a viagem
no país do mato-fundo.
Eles sete nos convidam
a percorrer este mundo
niudinho dentro do mundo
e grande maior que o mundo
em cada lasca de ferro
cada barba
cada reza
cada enterro
mato-dentro.

I

Aqui chegamos pois à velhice do Guarda-Mor
com seus quarenta e seis descendentes em volta,
sua mocidade revolucionária ao lado de Teófilo Ottoni,
marcando o fim da era do Oitocentos

é um silêncio de igreja que a procissão
vai incensando, vai gregoriando pelas ruas principais.
Súbito, a menina crucificada
na postura de Cristo repete o holocausto
que os pecadores insistem em não compreender.
É indispensável, é urgente levantar o cruzeiro,
sinal de culpa e resgate
sobre interesses e podres de família,
sobre fazendolas hipotecadas
de gado, milho, café, carrapato redoleiro,
erguê-lo à altura majestática do Pico do Cauê,
se não mais alto, muito mais ainda.
Braços robustos tiram-no do chão
e o vão alçando com fervor e suor
até que ele paire sobre as consciências arrependidas.
Os padres, o Senhor Bispo, o Santo Padre invisível-presente
velam o sono, vigiam o acordar e o labutar do povo,
entre velocípedes, ornatos florais,
cães fiéis aos pés de seus donos de botas
e uma honrada banda de música, Euterpe morena,
e encher de arte e vibração o território parado.

II

Olha

a ambiguidade melancólica do rosto dessa mulher à janela
que abre para mares impossíveis de liberdade,
enquanto passa em cortejo o alvo corpo do anjinho
ao rumo direto do céu,
onde com minha Mãe estarei, estaremos todos
na santa glória um dia.

Moças, ó moças

que emergis da piscina do tempo sem uma ruga
e marcar vossos rostos:
o pesado gorgorão dos vestidos de missa,
ressuscitais a moda abolida, a sempre moda.
Na chapa de vidro descoberta no arcaz
gravada ficou a beleza que a opressão familiar
não empalidece, não destrói.
Belas não obstante as proibições seculares
que vos condenavam ao casamento sem amor, ao sexo abafado,
o tio-com-sobrinha, ao primo rico ou de futuro,
noças do Rio Doce de perfume silvestre,
o je pousais no solo abstrato,
esse amplo solo que a memória estende
sobre o vazio de extintas gerações.

v

Fecho este álbum? Ou nele me fecho
em urna luminosa onde converso e valso,
discuto compra e venda, barganha, distrato,
promessa de santo, construção de cerca,
origa de galo, universais assuntos?
Os sete cavaleiros se despedem.
Só agora reparo:
vai-me guiando Brás Martins da Costa,
util latinista, fotógrafo amador,
repórter certo,
preservador da vida em movimento.
Vai-me levando ao patamar das casas,
o varandão das fazendas,
o ínvio das ladeiras, à presença
patriarcal de Seu Antônio Camilo,
a ronha política de Seu Zé Batista,

io semblante nobre do Dr. Ciriry,
is invenções de Chico Zuzuna,
ios garotos descalços de chapéu,
i todo o aéreo panorama
le serra e vale e passado e sigilo
que poussa, intato, no retrato.

A fotoviagem continua
ntem-sempre, mato adentro,
magem, vida última dos seres.

INVOCAÇÃO IRADA

Ficou o nome no tempero da comida,
nas fibras da carne
na saliva,
no ouro da mina ficou o nome.

Ó nome desleal que me escavacas
qual se fosses punhal ou fero abutre,
que te fiz para assim permaneceres
lentro de meu ser, se fora dele
não existes nem notícia te preserva?

Foge, fuge de mim para tão longe
quanto alcance a mente humana delirante.
Suplico-te que deixes
um vácuo sem esperança de lotar,
um plo, soturno espaço irremediável,
nas deixa-me, larga-me, evapora-te
le toda a vida minha e meu pensar.

Sei que não me escutas,
és indiferente a todo apelo
nem dependes de teu próprio querer.
Gás flutuante,
oerversa essência eterna torturante,
vai-te embora, vai,
mel satânico de vogais e consoantes
que esta boca repete sem querer.

LIBERDADE

O pássaro é livre
na prisão do ar.
O espírito é livre
na prisão do corpo.
Mas livre, bem livre,
é mesmo estar morto.

MISSÃO DO CORPO

Claro que o corpo não é feito só para sofrer,
mas para sofrer e gozar.

Na inocência do sofrimento
como na inocência do gozo,
o corpo se realiza, vulnerável
e solene.

Salve, meu corpo, minha estrutura de viver
e de cumprir os ritos do existir!
Amo tuas imperfeições e maravilhas,
amo-as com gratidão, pena e raiva intercadentes.
Em ti me sinto dividido, campo de batalha
sem vitória para nenhum lado
e sofro e sou feliz
na medida do que acaso me ofereças.

Será mesmo acaso,
será lei divina ou dragonária
que me parte e reparte em pedacinhos?
Meu corpo, minha dor,
meu prazer e transcendência,
é afinal meu ser inteiro e único.

NÃO PASSOU

Passou?

Minúsculas eternidades
leglutidas por mínimos relógios
ressoam na mente cavernosa.

Não, ninguém morreu, ninguém foi infeliz.

A mão — tua mão, nossas mãos
ugosas têm o antigo calor
le quando éramos vivos. Éramos?

Hoje somos mais vivos do que nunca.

Mentira, estarmos sós.

Nada, que eu sinta, passa realmente.

É tudo ilusão de ter passado.

NOITE DE OUTUBRO

Lua no apogeu.

Gama do Tucano brilha exageradamente.

O Zodíaco pesa-me sobre a cabeça,
astro de pecado, crime que não perpetrei.

Que fiz para cercar-me de tantas, tamanhas constelações
tentas ao nascimento e à morte deste corpo,
como se ele fosse o Arquiduque do Mundo
e não esta lenta vírgula rastejante
no chão noturno da existência?

O MALVINDO

Vive dando cabeçada.
Navegou mares errados,
perdeu tudo que não tinha,
amou a mulher difícil,
uma torto cada vez
e ama sempre, desfalcado,
com o punhal atravessado
na garganta ensandecida.
Este, o triste cavaleiro
de tristíssima figura
que nem mesmo teve a graça
de estar ao lado de Alonso
e poder narrar eventos
nos quais entrou de mau jeito
nas com sabor de epopeia.
Nada a fazer com este tipo
diverso a qualquer romança
ou ode, apenas terráqueo,
ou nem isso, extraterráqueo,
de quem não se ouve um grito
nais além do que gemido,
nem uma palavra lúcida
varando o cerne das coisas
que esperam ser reveladas
e nós todos pressentimos.
Inútil corpo, alma inútil
que não transfunde alegria
e esperança de renovo
no universo fatigado
em que repousa e não ousa.

sua ficha — foi rasgada,
por ausência de sinais.
Seu nome — por que sabê-lo?
E sua vida completa
já nem é vida, é jamais.

O PESO DE UMA CASA

La maison de mon père était vaste et commode
nerecia de mim um soneto ou uma ode.

Eu não soube entendê-la e não soube trová-la.
Só resta, exígua estampa, o frescor de uma sala.

Aquela egrégia escada, aquela austera mesa
umiram para sempre em lances de incerteza.

Caem móveis em pó, e ondulantes cortinas
leixaram de esvoaçar no silêncio de Minas.

Duço o tlintlim de um copo, o espocar de uma rolha,
sonidos hoje iguais ao virar de uma folha.

Cada tábua estalando em insônia sussurra
a longa tradição da família casmurra.

E os passos dos antigos, a grita das crianças
nigram do longe-longe em parábolas mansas.

Perco-me a visitar a clausura dos quartos
e neles eis entrevejo, no escorrer de lagartos,

Formas accidentais de uma angústia infantil
a estruturar-se logo em castelo febril.

Sou eu só a portar o peso dessa casa,
que afinal não é mais que sepultura rasa.

O REI MENINO

O estandarte do Rei não é de púrpura e brocado,
é um lírio flutuante sobre o caos
onde ambições se digladiam
e ódios se estraçalham.
O Rei vem cumprir o anúncio de Isaías:
vem para evangelizar os brutos,
consolar os que choram,
exaltar os cobertos de cinza,
desentranhar o sentido exato da paz,
magnificar a justiça.

Entre Belém e Judá e Wall Street
no torvelinho de negações e equívocos,
a vergasta de luz deixa atônitos os fariseus.
Cegos distinguem o sinal,
surdos captam a melodia de anjos-cantadores,
mudos descobrem o movimento da palavra.
O Rei sem manto e sem joias,
nu como folha de erva,
distribui riquezas não tituladas.
Oferece a transparência
da alma liberta de cuidados vis.
As coisas já não são as antigas coisas
e a perecível beleza
e o homem não é mais cativo de sua sombra.
A limitação dos seres foi vencida
por uma alegria não censurada,
graça de reinventar a Terra,
antes castigo e exílio,
hoje flecha em direção infinita.

O Rei, criança,
permanecerá criança mesmo sob vestes trágicas,
porque assim o vimos e queremos,
assim nos curvamos diante do seu berço
ecido de palha, vento e ar.

Seu sangrento destino prefixado não dilui
a luminosidade desta cena.
O menino, apenas um menino,
cima das filosofias, da cibernética e dos dólares,
sustenta o peso do mundo
na palma ingênua das mãos.

O SEGUNDO, QUE ME VIGIA

implacável ponteiro dos segundos.
Não, não quero este decassílabo.
O que eu queria dizer era:
O segundo, não o tempo, é implacável.
Tolera-se o minuto. A hora suporta-se.
Admite-se o dia, o mês, o ano, a vida,
a possível eternidade.
Mas o segundo é implacável.
Sempre vigiando e correndo e vigiando.
De mim não se condói, não para, não perdoa.
Avisa talvez que a morte foi adiada
ou apressada
por quantos segundos?

OS VASOS SERENOS

Em porcelana cores vivem o par antigo
que se permite jogos de gesto e murmúrio
sem lascívia, despidos de ânsia.
Estão apenas ali, figurinhas de Saxe ou Delft,
enlevo de colecionadores,
registro de catálogos,
ausentes de amor, amor vitrificado.

OS 27 FILMES DE GRETA GARBO

27, tem certeza? Não importa.
Para mim são 24. Lembra-me bem.
Conto um por um, de 1926
a 1941, de vida contínua.
De minha vida. De *The Torrent* a *Two-faced woman*.
Entre os dois, um abismo
onde aprisionei, para meu gozo, Greta Garbo.
Ou ela me aprisionou?
Será que não houve nada disso?
Alucinação, apenas?
O tempo é imperscrutável. São tudo visões.
Greta Garbo, somente uma visão, e eu sou outra.
Neste sentido nos confundimos,
realizamos a unidade da miragem.
É assim que ela perdura
no passado irretratável e continua no presente,
psfinge andrógina que ri
e não se deixa decifrar.
Contei-os todos: 24 filmes americanos. Meus.
Não me interessam diretores.
Monta Bell, Fred Niblo, Clarence Brown,
nem penso em Edmund Goulding, para mim não existem
Victor Seastrom, Sidney Franklin, John S. Robertson.
Esqueço Jacques Feyder, esqueço Robert Z. Leonard,
le que me serve George Fitzmaurice, não careço
de Rouben Mamoulian e Richard Boleslawski,
para o inferno com George Cukor,
e com ele Lubitsch!
Dela quiseram fazer uma ninfa obediente,
autômato de impulsos programados.

Foram vencidos.
E que farei de seus galãs? Tenho pena
de meros circunstantes entulhando
a rota de alva solidão.
Não vou sequer nomeá-los. Sombras-sombras
que um dia tremularam... se apagando.

Todo o espaço é ocupado por Greta Garbo.
Na mínima tela dos olhos, na imensa
perspectiva do jovem de 24 anos, e de 24 filmes
que desfilarem até o espectador beirando 40 anos,
que já tem suas razões de descrever e deslembrar
e não deslembra. Sempre a seu lado Greta Garbo.
Caminhamos juntos. Não nos falamos. Não é importante.
Súdito da Rainha Cristina, atento à voz de contralto
de Ana Christie, espião da espiã Mata Hari,
disfarço-me de *groom* no Grande Hotel
para conferi-la na intimidade sem véus de bailarina.

Não julgo seus adultérios burgueses
nem me revolta sua morte espatifada contra a árvore
ou sob as rodas da locomotiva.
Sou seu espelho, seu destino.
Faço-me o que ela deseja. *As you desire me.*
É profundo a lição de Pirandello
na ambiguidade do cinema. Que é um filme?

Que é a realidade do real
ou da ficção?
Que é personagem de uma história
nostrada no escuro, sempre variável,
sempre hipótese,
na caleidoscópica identidade da intérprete?

Como posso acreditar em Greta Garbo,
nas peles que elegeu
sem nunca se oferecer de todo para mim,
para ninguém?
Enganou-me todo o tempo. Não era mito
como eu pedia. Escorregando entre os dedos
que tentavam fixá-la,
Marguerite Gauthier, Lillie Sterling,
Susan Lenox, Rita Cavallini,
Arden Stuart,
Marie Walewska, água, água, murmura água
leslizante,
náscaras tapando a grande máscara
para sempre invisível.
A vera Greta Garbo não fez os filmes
que lhe atribui minha saudade.
Tudo se passou em pensamento.
Mentem os livros, mentem os arquivos
da ex-poderosa Metro Goldwin Mayer.

Agora estou sozinho com a memória
de que um dia, não importa em sonho,
imaginei, maquinei, vesti, amei Greta Garbo.
E esse dia durou 15 anos.
E nada se passou além do sonho
liante do qual, em torno ao qual, silencioso,
atalizado,
fui apenas *voyeur*.

PERTURBAÇÃO

Quando estou, quando estou apaixonado
não fora de mim eu vivo,
que nem sei se vivo ou morto
quando estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga,
que é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Tu és a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

POR QUÊ?

Amor meu, minhas penas, meu delírio,
onde quer que vás, irá contigo
meu corpo, mais que um corpo, irá um'alma,
sabendo embora ser perdido intento

de cingir-se forte de tal modo
que, desde então se misturando as partes,
resultaria o mais perfeito andrógino
nunca citado em lendas e cimélios.

Amor meu, punhal meu, fera miragem
consubstanciada em vulto feminino,
por que não me libertas de teu jugo,
por que não me convertes em rochedo,

por que não me eliminas do sistema
dos humanos prostrados, miseráveis,
por que preferes doer-me como chaga
a fazer dessa chaga meu prazer?

QUEDA

A tarde cai. Nós caímos na tarde
numa antecipação de morte sem dor.
Em um desvão do corpo bruxuleia a chama
que o dia claro alimentava, ardência.

Cai a tarde... Como foi? tarde
é um cair na faixa sigilosa
do ser imóvel em que nos transformamos
nessa hora de exploração do dia,
fria.

Não importa o sol regresse com o prestígio
de reinventar a vida albente.
A tarde, a triste tarde caiu. Caímos
morredouramente.

REINAUGURAÇÃO

Entre o gasto dezembro e o florido janeiro,
entre a desmitificação e a expectativa,
ornamos a acreditar, a ser bons meninos,
e como bons meninos reclamamos
a graça dos presentes coloridos.
Nossa idade — velho ou moço — pouco importa.
Importa é nos sentirmos vivos
e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata beleza que
vem dos gestos espontâneos
e do profundo instinto de subsistir
enquanto as coisas em redor se derretem e somem
como nuvens errantes no universo estável.
Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos
a um sol diferente que nos acorda para os
descobrimientos.
Esta é a magia do tempo.
Esta é a colheita particular
que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante,
no acreditar na vida e na doação de vivê-la
em perpétua procura e perpétua criação.
E já não somos apenas finitos e sós.
Somos uma fraternidade, um território, um país
que começa outra vez no canto do galo de 1o de janeiro
e desenvolve na luz o seu frágil projeto de felicidade.

RESTOS

O amor, o pobre amor estava putrefato.
Bateu, bateu à velha porta, inutilmente.
Não pude agasalhá-lo: ofendia-me o olfato.
Muito embora o escutasse, eu de mim era ausente.

ROMANCETES

A Rainha das Formigas ocultou-se
no monte de vênus de Miss Universo.
Todos pensaram que esta se tornara ninfomaníaca.

I
A flor da insônia, de pétalas espinhentas,
viceja nos jardins e nas democracias
e nenhum policial a percebe.

II
Na rua, mostro
as pernas normais,
dorém na intimidade
como as amputadas.

V
Quinhentos homens precipitam-se
sobre a Virgem de Salerno
e, na confusão,
servem-se uns aos outros,
deixando a presa intata.

/I
Os maus espíritos introduzem-se
na conversa, em forma de moscas.
Seus zumbidos apoiam ora um ora outro
interlocutor; babel.

/I
A molécula da memória, extraída

lo cérebro de um rato,
noculada no morto
ria nele um sistema perfeito de vivência
que faz vibrar o cemitério.

SONO LIMPO

Não mais o sonho, mas o sono limpo
le todo excremento romântico.
A isso aspiro, deus expulso
le um Olimpo onde sonhar eram versões
le existir.
Não à morte: ao sono
que petrifica a morte e vai além
e me completa em minha finitude,
ser isento de ser, predestinado
ao prêmio excelso de exalar-se.
Não mais, não mais o gozo
le instantes de delícia, pasmo, espasmo.
Quero a última razão do vácuo,
a última danação, parágrafo penúltimo
do estado — menos que isso — de não ser.

TÂNATOS TANAJURA

tanajura
flor de chuva
chuviflor
em revoo
le arco-íris.

Erráticas
no ar escuro
que se aclara
no sol da caça.

Foi o trovão,
tanajura,
tempo de amar,
tanajura,
empinho de botar ovo
e de morrer,
tanajura.

Li
Corre-corre na rua
e colher na enxurrada
e chuvatanajura.

Na tonta procura,
qual a mais gordinha
rainha do reino obscuro?
Di, tana, tana, tanajura,
norte bailante

na tarde impura.

Esta hei de guardá-la,
esta hei de querer-lhe
como ao gato, ao caramujo
le minha estimação.

VERBOS

Sofrer é outro nome
do ato de viver.
Não há literatura
que dome a onça escura.

Amar, nome-programa
de muito procurar.
Mas quem afirma que eu
sei o reflexo meu?

Rir, astúcia do rosto
na ameaça de sentir.
Jamais se soube ao certo
o que oculta um deserto.

Esquecer, outro nome
do ofício de perder.
Uma inútil lanterna
acende em cada caverna.

Verbos outros imperam
em momentos acerbos.
Mas para que nomeá-los,
imperfeitos gargalos?

ZONA DE BELO HORIZONTE, ANOS 20

A festa de aniversário de Pingo de Ouro
acabava em frege.

Maria Pinguinho corre nervosa à delegacia
para soltar a Alemãzinha
engalfinhada com Maria Triste
no véu de cocaína e éter.

Serão sempre assim as mulheres perdidas,
perdidas porque nunca se acham
nesso véu de cocaína e éter?

Posfácio

AS RESSONÂNCIAS DO BREVE ADEUS

Wagner Camilo

No primeiro contato com *Farewell*, chama a atenção a ordenação alfabética, aparentemente muito convencional para um poeta que se notabilizou pelas disposições calculadas de poemas em traçados complexos do todo, resultando em livros rigorosamente arquitetados como *Claro enigma* (1951), no qual Drummond já promove o agrupamento dos poemas em seções que virão a se converter depois, de forma mais esquemática, nos núcleos temáticos da famosa *Antologia poética* de 1962, repercutindo ainda na divisão de *Lição de coisas*, publicada no mesmo ano. Por que, então, agora a escolha por essa sequência linear dos poemas na estrutura de catálogo que é a ordem alfabética?

É bem verdade que essa ordenação não é totalmente obedecida à risca: o poeta promove um pequeno deslocamento, mas estratégico e significativo. O único poema a romper com essa ordem convencional é “Unidade”, disposto logo na portada do livro e retomando um tema caro à visão de mundo desenganada de Drummond: a *dor* ou *sofrimento* como fundamento da existência, tomada em perspectiva schopenhaueriana, como já se revelara um dia, em todo seu esplendor paradoxal, no fecho de *Claro enigma*, com “Relógio do Rosário”:

[...]

*Oh dor individual, afrodisíaco
selo gravado em plano dionisíaco,

a desdobrar-se, tal um fogo incerto,
em qualquer um mostrando o ser deserto,*

[...]

*dor de tudo e de todos, dor sem nome,
ativa mesmo se a memória some,*

[...]

A DOR COMO FUNDAMENTO

O deslocamento estratégico de “Unidade” na ordenação linear faz supor que é uma forma de reiterar essa verdade para o conjunto dos poemas aí reunidos — inclusive se tomarmos com certa liberdade a sugestão do título... Na sua aparente singeleza, o poema parece encerrar, ao longo das quatro estrofes, um raciocínio quase silogístico, formalmente reiterado pela alternância entre os versos decassilábicos (com a *premissa maior* da abertura e a *conclusão*) e os hexassílabos das duas estrofes intermediárias (com as *premissas menores*). Desse modo, o eu lírico afirma *categoricamente* ser o sofrimento a “chave da unidade do mundo”, tanto que se faz sentir em todos os três reinos: no *mineral*, com o “sofrimento paralítico” e eterno da pedra; no *vegetal*, com a “queixa abafada” na docilidade da flor, “tocada por mão inconsciente”; e no *animal*, que inclui, sem distinções ou hierarquias, o próprio homem, como se vê na constatação paradoxal, irônica encerrando o dístico final:

*Não temos nós, animais,
sequer o privilégio de sofrer.*

Nisso, Drummond parece contrariar o Schopenhauer de *O mundo como vontade e representação*, para quem não há sensibilidade alguma na planta (que dirá então na pedra!), portanto não pode haver sofrimento. Este é proporcional, mesmo no reino animal, ao nível de consciência da espécie, atingindo o grau supremo no homem. O filósofo afirma que, na espécie humana, o sofrimento é tanto maior porque equiparável ao grau de conhecimento, conforme já dizia o Eclesiastes: “*Qui auget scientiam, auget et dolorem*” [Quem aumenta sua ciência, aumenta sua dor].¹

Em *Farewell*, os três poemas seguintes parecem reiterar a tese schopenhaueriana, seja pelo “agravo” sofrido por “A carne envilecida”, seja pela “dor de chamar” em vão (num gesto compulsivo e desenganado, caracteristicamente drummondiano) à porta de “A casa do tempo perdido”. De modo ainda mais explícito, tal tese reaparece logo na abertura de

“Acordar, viver” (“Como acordar sem sofrimento?/ Recomeçar sem horror?”), poema que repõe a concepção da *vida pétrea* e da imagem autopunitiva do *eu como carrasco de si mesmo* que marcara a lírica de Drummond nos anos 1940 e 1950. É assim que, à dor que produz todo e qualquer acontecimento do mundo regido pela insensatez, vem se somar a ferida que inflige a si o próprio eu, “algoz do inocente que não sou” (espécie de variante do *heautontimoroumenos* baudelairiano).

Entretanto, a tese em questão parece subvertida no quinto poema da sequência, com a transmutação da dor em “finíssimo prazer”, quando o eu lírico surpreende a imagem do antigo amor “entre fotos mil que se esgarçavam”. O soneto toma como mote o sexto verso do belíssimo soneto camoniano “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, que assim, já na abertura, evidencia a correlação de três grandes temas ou motivos caros ao poeta português, explorados ao longo dos versos: o arrependimento pelos próprios erros, a queixa diante do Destino cruel e a não realização amorosa. Como nota Maria del Carmen Ríos Panisse, o poema de Camões segue num crescendo: começa com um tom sereno e resignado, em versos fundamentalmente descritivos, e termina num estilo confessional e num tom apelativo, encerrando mesmo um gesto colérico, de vingança. Das três causas responsáveis por sua condição, o amor por si só já seria suficiente para sua desgraça, diz o eu lírico, que, apesar de considerar tudo passado, alega a persistência da “dor das coisas que passaram”. É ainda Panisse quem destaca nos versos: a temática da mudança como motivo central, cara ao Renascimento e ao Barroco; a tonalidade pautada pelo contraste felicidade-infelicidade, através dos elementos léxicos positivos amor-querer-fortuna-esperança, diante dos negativos mágoa-dor-erros-perdição; a matéria fônica expressiva, com ênfase nos sons nasais unindo os conceitos essenciais de amor e mágoa, e ligados ao eu poético por meio das formas pronominais (meu, minha, mim, me). Por último, o emprego do pretérito perfeito ajuda na impressão de fato concluído, sem possibilidades de recuperação, enquanto o imperfeito do conjuntivo na sentença final aumenta a falta de possibilidade de realização do desejo.²

O diálogo camoniano, que já respondeu por uma das mais altas incursões lírico-filosóficas de Drummond, na retomada da célebre cena de “A

máquina do mundo”, dá-se agora em nível menos ambicioso, já pela ordem da matéria tratada. Como sempre, no intertexto, Drummond inverte a lógica e a consequência dos versos camonianos. Se em “A máquina do mundo” era Drummond quem introduzia o travo de negatividade, pela recusa da verdade maior que se ofertava, gratuita, diante de seus olhos, agora é ele quem aparenta romper com a descrença e o pessimismo extremos que encerram o soneto camoniano (embora vivido pelo eu lírico com o orgulho do ser de exceção) ao converter a dor de tudo em paradoxal prazer. Essa conversão, aliás, que é muito característica da experiência amorosa, também reaparece no fecho de “Por quê?”, com o eu interpelando diretamente o próprio Amor:

*por que não me eliminas do sistema
dos humanos prostrados, miseráveis,
por que preferes doer-me como chaga
e fazer dessa chaga meu prazer?*

Se o soneto inspirado em Camões parece pôr em questão a tese schopenhaueriana, nem por isso Drummond chega a expulsá-la de vez. Ela volta à tona em outros poemas, antes de ser reafirmada com toda força quase no fim de *Farewell*, em “Verbos”, cuja primeira estrofe já diz tudo:

*Sofrer é outro nome
do ato de viver.
Não há literatura
que dome a onça escura.*

Bem antes do fim, podemos vê-la despontar na bela “Elegia a um tucano morto”, a começar pela adequação do gênero poético a essa ordem de visão. A pobre ave, aliás, ajuda a compor no livro uma espécie de bestiário curioso, juntamente com a tanajura e o gato enrodilhado que “Sonha (?) tigres enviesados a chamá-lo/ para a fraternidade no jardim”, com o qual o eu invejoso se identifica, também se sonhando gato no jardim... O mesmo eu que, em “Fera”, se reconhece como tigre *disfarçado*...

Nesse canto lutuoso, para além do incidente que supostamente teria motivado os versos (o tucano Picasso, um presente que fora dado ao neto Pedro pela esposa, acabou morrendo depois de bicado por uma galinha...), Drummond eleva sua reflexão ao plano das ponderações maiores sobre a relação entre civilização e natureza, traduzida em termos sacrificais e expiatórios para esta última. A dicção aparentemente fatalista, se bem drummondiana, lembra também de perto a de Machado de Assis. Ela é visível no uso do imperativo e na sentença final que *naturaliza* o destino trágico da pobre ave, como se fosse produto de uma vontade maior do que a da decisão e da ação humanas: “pois para isto vieste:/ para a inutilidade de nascer”. Na verdade, ela mal esconde, por força da ironia, a barbárie deslocada da esfera da natureza para a da civilização, ao traçar a trajetória fatal da pobre ave que sai “ao azar de peripécias e viagens/ do Amazonas ao asfalto/ da feira de animais”, em mais um episódio emblemático que o poeta registra “no caderno de frustrações deste mundo”.

TEMAS E VOLTAS

Já se observou com razão que o livro póstumo do poeta itabirano repõe temas e motivos que notabilizaram sua lírica. Poderíamos acrescentar, em relação a isso, que o livro explora a diversidade de registros que caracterizaram sua poesia, da notação irônica, o *sense of humour*, à inflexão sublimizante...

Sobre essa reposição ou revisitação, nota Alcides Villaça que *Farewell* “não pretende o *tour de force* expressivo dessa trajetória, nem traz a revelação essencial poupada para a hora extrema”, nem busca a pegada dos grandes livros dos anos 1940 e 1950. É o próprio crítico quem também trata de sintetizar os principais *topoi* da lírica drummondiana que receberam aqui “a última demão de luz, antes da sombra final”.³ Partindo dessa síntese, vale lembrar algumas dessas revisitações e agregar outras, mas sem pretender um inventário exaustivo.

Em seu conjunto, o livro contempla praticamente todas as seções temáticas em que Drummond agrupou sua poesia na sua conhecida

Antologia poética, além de outros motivos frequentes. Assim, sem repassar exemplos de todas essas seções, vejamos algo dos temas e motivos que caracterizam o *eu todo retorcido*.

Sua condição de *gauche*, assinalada desde o berço por um *anjo torto* (o que fez John Gledson lembrar da “Bénédiction” de Baudelaire) e anunciada já na abertura do livro de estreia de Drummond, reaparece aqui em “O malvindo”. A isso, podemos associar poemas que tratam de sua condição civil ou do estatuto social do *fazendeiro do ar* — i.e., do filho de fazendeiro cooptado pelo serviço público federal, cujo primeiro grande registro foi “Confidência do itabirano”. O universo do poeta-funcionário foi explorado por Drummond em prosa e verso, como na crônica “A rotina e a quimera” (na qual ainda conseguia ver algo de compensatório na rotina burocrática como estímulo à criação) e em poemas como “Noite na repartição”. Do horror expresso neste poema de *A rosa do povo* (1945) em relação ao universo burocrático não está distante, em *Farewell*, o breve “Escravo em Papelópolis”, condensando o ódio aos burocratas e ao tempo que o poeta-funcionário perdeu sendo um deles.

A condição *déracinée* do poeta na grande cidade, que entretanto permanece, em um nível mais profundo e determinante, preso a seu lugar de origem, tema de grandes incursões líricas de Drummond, reaparece num dos poemas talvez mais celebrados de *Farewell*: “A ilusão do migrante”.

Os vínculos com a terra natal voltam a ser interpretados em “Imagem, terra, memória”. Como indica o título, a retomada do passado da província natal se dá por força da *imagem*, no caso, as fotografias de Brás Martins da Costa (que chegou a fotografar o poeta ainda menino), recolhidas no livro *No tempo do Matto-Dentro*.⁴ Assim como documentos históricos de compra e venda de terras de seus antepassados permitiram a Drummond, outrora, compor “Os bens e o sangue”, em que sua história individual e familiar, como é frequente, se entronca na história da província natal ou até mesmo na do país, aqui também a “fotoviagem” proporcionada pelo fotógrafo amador e latinista de Itabira conduz o eu pela história de membros de famílias tradicionais da cidade, como a do velho Guarda-Mor que em sua mocidade havia lutado na Revolução de 1842 ao lado de um de

seus principais líderes em Minas Gerais; o momento de decadência da ordem patriarcal; a história doméstica opressora e oculta, os “podres de família”, o “sexo abafado” e o “casamento sem amor” de “tio-com-sobrinha”...

Inseparável da terra natal é o tema da família e, mais particularmente, o da casa paterna, cuja rememoração ou revisitação já havia ensejado grandes momentos, como “Viagem na família” ou, ainda em *José* (1942), a passagem de “Edifício Esplendor” em que o eu lírico evoca a casa de infância como parâmetro para exprimir seu horror em relação à habitação moderna, coletiva e impessoal representada pelo edifício. Além da bela crônica “Vila de Utopia”, de *Confissões de Minas* (1944), em que Drummond se detém pela primeira vez de forma mais objetiva, efetiva no casarão azul da rua Municipal de Itabira, este volta a surgir com insistência em grandes poemas de *A rosa do povo* (“Nosso tempo”, “Como um presente”, “Retrato de família”) até o ciclo memorialístico de *Boitempo* (1968), em que “A casa sem raiz” corresponde à versão poética que trata mais exclusivamente do tema. Em *Farewell*, ela reaparece em “O peso de uma casa” convertida, com o reforço da rima, em “sepultura rasa”. Se, para evocá-la, o eu drummondiano não chegou a compor o desejado soneto e a ode que ela merecia, nem por isso destituiu a evocação de uma forma grave: partindo da citação francesa cuja referência nos escapa (será Lamartine?) no primeiro verso (um perfeito *tétramètre*, muito regular, 3/3//3/3), o poema é todo composto em dísticos de alexandrinos rimados, apesar de o eu alegar modestamente nunca ter sabido *entender* a casa paterna, nem *trová-la*...

Em *Farewell* temos também poemas de homenagem a amigos próximos ou figuras admiradas pelo poeta. Drummond já havia produzido grandes poemas no gênero dedicados a Mário de Andrade, Manuel Bandeira, García Lorca e Chaplin, entre outros. No livro póstumo, o amigo próximo homenageado é Pedro Nava, em “A um ausente”. A homenagem, todavia, se faz por vias inesperadas, porque nutrida por atitudes e sentimentos contraditórios que só intensificam a força e a comoção dos versos: a saudade funda se mescla à acusação e à perplexidade diante da decisão do amigo de antecipar a hora final pelo suicídio... Quanto às figuras

admiradas, Drummond volta a prestar homenagem a Pessoa, a quem já havia dedicado o “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, em *Claro enigma*. Essa homenagem se faz de modo algo ambíguo: ao mesmo tempo que a estrutura indagativa dos versos reitera a inquietação do eu diante do fenômeno da heteronímia pessoana, a estrofe final do poema afirma seu anseio em saber quais são “As identidades do poeta” e, ao mesmo tempo, a preferência em ignorar “esse enigma chamado Fernando Pessoa”, certamente para sinalizar a impossibilidade de uma resposta una e última. Em dada medida, poderíamos inscrever na mesma seção dos poemas de homenagem “Os 27 filmes de Greta Garbo”, lembrando que o fascínio de Drummond pela atriz sueca já havia motivado uma das crônicas do livro *Fala, amendoeira* (1957).

Ligado ainda ao universo mineiro, “Cabaré Palácio” evoca, na denúncia da hipocrisia oficial, o famoso “Cabaré mineiro” do livro de estreia, como já notou Villaça. Poderíamos, talvez, aproximar desse universo o tema do derradeiro poema de *Farewell*, “Zona de Belo Horizonte, anos 20”, embora este se encerre em chave mais dolorosa, amarga, ao indagar pelo destino das “mulheres perdidas”.

Drummond sempre revelou uma consciência aguda do tempo, da sua transitoriedade e ação destrutiva. A tematização do minuto ou, mais ainda, a aceleração devastadora do ponteiro do segundo no relógio (em tensão com o anseio de eternidade, evidentemente sempre frustrado) aparece em grandes poemas como “Eterno”, ao lado do soneto “A distribuição do tempo”, ambos de *Fazendeiro do ar* (1954), e reaparece em *Farewell* nas “Minúsculas eternidades/ deglutidas por mínimos relógios” de “Não passou”, assim como no “Implacável ponteiro dos segundos [...] Sempre vigiando e correndo e vigiando” de “O segundo, que me vigia”. Como variante, a questão da posteridade ou *perenidade do canto*, tópica legada pela tradição, mas sempre desacreditada em poemas como “Remissão” e “Oficina irritada” (de *Claro enigma*, 1951), volta aqui na menção não menos irônica à Glória em “Duração”.

Destaque-se ainda em *Farewell* a ênfase dada à imagem (“vida última dos seres”, segundo “Imagem, terra, memória”), seja na forma de fotografia, filme (e o poema sobre Greta Garbo ilustra bem isso) ou

pintura. Neste último caso, o grande exemplo é “Arte em exposição”. Drummond já demonstrara ser um apreciador arguto das artes plásticas, compondo versos excepcionais em franco diálogo com a pintura de Portinari, Goeldi e Mestre Ataíde, entre outros. Em *Farewell*, ele compõe toda uma seção de breves poemas dedicados a uma espécie de museu privativo-sentimental, composto de mais de trinta quadros diletos de pintores de procedência e tempo diversos (incluindo novamente Portinari). Como bem notou Silviano Santiago, na apreciação de cada um deles Drummond nunca se detém no *todo*, mas vai, seletiva e obsessivamente, ao *detalhe* significativo que ilumina ou dá forma ao quadro, não importando se tal detalhe é um lugar-comum: “o modo como o lê é tão pessoal, que a leitura acaba por acomodar-se ao quadro como nova e original, muitas vezes demolidora de todas as outras leituras”.⁵ A brevidade de cada poema (não mais que uma estrofe) reitera a força do detalhe.

Se não é a retomada de temas e motivos, há frases empregadas em mais de um poema do livro póstumo que acionam a memória de versos marcantes de poemas de obras anteriores, mesmo que abordando questões muito diversas. Por exemplo, como não lembrar dos versos de “América”, em *A rosa do povo* (“Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu coração./ Nessa rua passam [...]”), quando lemos na abertura de “Glaura revivida” (outra musa árcade celebrada pelo poeta itabirano) os seguintes versos: “Certa rua começa algures e vem dar no meu coração./ Nessa rua passa [...]”?

Também o tema de “Passagem do ano” (de *A rosa do povo*) reaparece aqui em “Reinauguração”, na transição entre “a desmitificação e a expectativa”, assim como “Interpretação de dezembro”, daquele livro, está em relação direta com “O rei menino”.

Outros temas e motivos caros à lírica drummondiana poderiam ser lembrados a propósito de sua retomada em *Farewell*. De todos, porém, o grande tema, lírico por excelência, é, sem dúvida, o amor, com a “Aparição amorosa” visitando o eu drummondiano como um doce fantasma de outros tempos. O tema do *amor nos tempos de madureza*, que já fora objeto dos mais altos registros líricos, como “Campo de flores”

(*Claro enigma*), volta em “A carne envilecida”. Todavia, o que lá era ainda uma doação incerta de Deus ou do Diabo, levando o eu lírico a agradecer a ambos pelo redivivo amor nessa hora crepuscular da existência, aqui não resta dúvida: o pedido de consolo da “carne encanecida” é dirigido diretamente ao Diabo, que “atende/ sob as mil formas de êxtase transido” (expressão grifada que tem correspondência direta no poema anterior), mas exige sua paga: “[...] os dons infernais são novo agravo/ à envilecida carne sem defesa”... A dimensão transcendente da experiência amorosa explorada com vagar nos versos longos, de sintaxe complexa, reunidos em oito estrofes de tamanhos variados em “Campo de flores”, cede a vez agora, nesta única décima de versos decassilábicos, à imagem redutora, *materialista*, do corpo ou, menos ainda, da *carne encanecida e envilecida*... O imaginário floral, que fora empregado naquele poema para representar o medrar incerto do amor maduro (com a metáfora da “[...] rosa indecisa/ a tirar sua cor dessas chamas extintas” ou das flores que “[...] nascem de um/ secreto investimento em formas improváveis”), é retomado agora na forma estéril e desenganada ligada ao aroma que se espalha de “flores calcinadas e de horror”. Desse *aroma*, aliás, não está longe o cheiro “putrefato” do “pobre amor” que ofende o *olfato* do sujeito amoroso de “Restos”...

Ligada ao amor, a temática do *corpo*, que sempre foi recorrente em Drummond, volta a aparecer agora em poemas como “Missão do corpo”, missão essa que se resume a *sofrer e gozar*... Como também já notou Villaça, a “degradação da carne” é o tema mais forte do livro.

A *repetição* ou retomada *final* de temas e motivos que imortalizaram a lírica de Drummond talvez se explique, em parte, pelos versos de “Bordão”. Essa forma paremiológica se ajusta bem a um poeta que tem na *repetição* um princípio de composição poética e que foi o criador — é bem verdade que à revelia de sua vontade — de um dos mais populares bordões, em que nos apoiamos diante de toda e qualquer situação de impasse...

No poema de *Farewell*, Drummond explora essa forma cristalizada na sua dupla dimensão negativa e positiva. Ou seja, na sua dimensão *restritiva* (como sugere a imagem do *muro do jardim que não flori* ou a

das *asas presas no sótão...*), mas ao mesmo tempo afirmadora e *organizadora* do espírito. À acepção mais corrente do termo, some-se ainda duas outras: a de cajado para apoiar a mão e, por extensão, a ideia de *amparo, socorro*; e a acepção musical, de pedal que produz o som grave, derivando daí a designação para o próprio *som grave e contínuo*.⁶ Todas essas acepções podem ser validadas em “Bordão”, e a partir dele pode-se compreender o significado maior — para o poeta e para o leitor — dos *topoi* drummondianos repetidos até a hora final, já que “repetir é viver e criar ressonâncias”...

1 Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. t. 1. p. 400 (parágrafo 56).

2 Maria del Carmen Ríos Panisse, “Análise estilística de três sonetos de Camões”. *Letras*, Curitiba, UFPR, n. 27, pp. 117-21, 1978.

3 Alcides Villaça, *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 138 ss.

4 Reeditado como *Retratos na parede* (Belo Horizonte: Autêntica, 2012).

5 Silviano Santiago, “A simplicidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade”, em Carlos Drummond de Andrade, *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 125.

6 Aida Fernanda Dias, *Dicionário do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Lisboa: INCM, 1982, p. 128.

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.
Coração partido: Uma análise da poesia reflexiva de Drummond.
São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CANDIDO, Antonio.
“Inquietudes na poesia de Drummond”.
In: *Vários escritos*. 4a ed.
Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

GLEDSON, John.
Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos.
São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLAÇA, Alcides.
Passos de Drummond.
São Paulo: Cosac Naify, 2006.

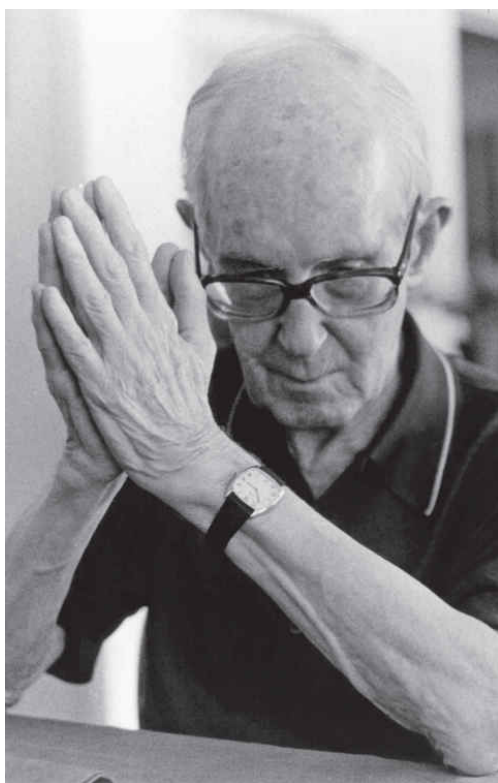
Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando

- início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d’Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.

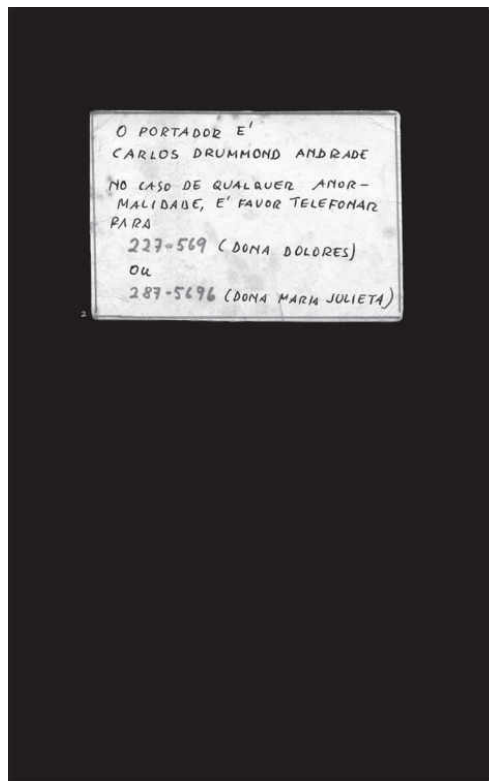
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoad*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.





1. Com Dolores e Maria Julieta, 1982. Foto tirada pelo neto Pedro Augusto.



2. Cartão que o poeta levava consigo nas últimas décadas de vida.



3. Eterno mas também moderno: de tênis, sobre motocicleta, com amigo da família.

ELEGIA A UM TUCANO MORTO

O sacrifício da asa corta o vôo
no verdor da floresta, Cidadão
será mutilado,
caricatura de tucano
para a curiosidade das crianças
e a indiferença dos adultos.
Sofrerá a agressão de aves vulgares
e morto quedará
no chão de formigas e de trapos.

Eu te celebro em vão
como a ^{luz} ~~um~~ ^é ~~sonho~~ clorido, mas truncado,
projeto de natureza interrompido
ao azar de peripécias e viagens
do longínquo Amazonas ao asfalto
da feira de animais.
Eu te registro
no caderno de frustrações deste mundo
pois paraste visste:
para inutilidade de nascer.

31.1.87

Às Pedras,
Cardoso

4. Página datiloscrita original do poema “Elegia a um tucano morto”.

TORTA DE RICOTA

Bater no liquidificador 4 gemas

1 pacote de ricota*

1 lata de leite condensado*

A mesma quantidade de leite de vaca

1 colher de sopa cheia de pó Pudin Royal 1 sabor
baunilha*

1 pitada de sal

2 ou 3 casquinhas de limão

Bater à parte 4 claras em neve

Misturar fora do liquidificador

Forma untada com manteiga

Forno normal durante 40 a 45 minutos

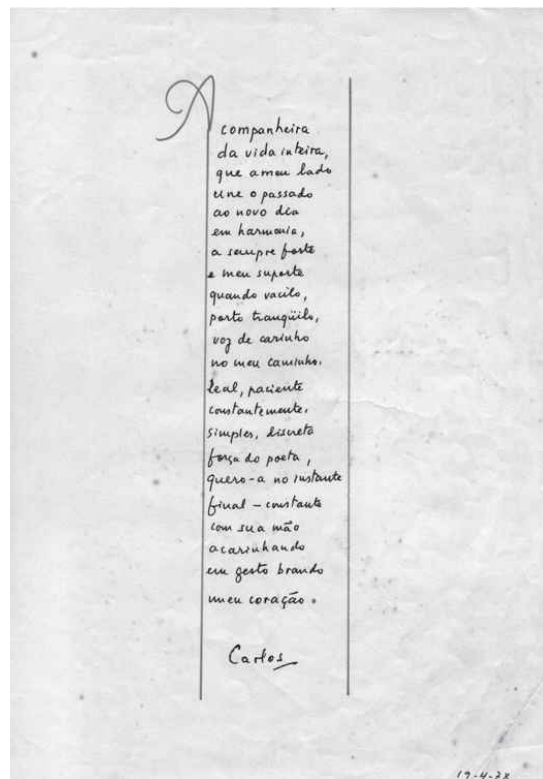
15 minutos de forno apagado.

23.6.86

5. Gulodices de um magro: receita de torta de ricota anotada por Drummond.



6. Desfile da escola de samba Mangueira, campeã do Carnaval carioca de 1987 com o enredo “O reino das palavras”, homenagem a Drummond. A comissão de frente contava com, entre outros, Chico Buarque, Hugo Carvana e Affonso Romano de Sant’Anna.



7. Manuscrito de “A companheira” (publicado no póstumo Poesia errante, de 1988): declaração de amor que hoje é um hit na internet.

Crédito das imagens

Retrato de Carlos Drummond de Andrade.
Cortesia de Pedro Drummond de Andrade.

1, 2, 3, 4, 5 e 7.
Cortesia de Pedro Drummond de Andrade

6.
© Almir Veiga/ CPDoc JB

Índice de primeiros versos

Acalenta no sono
A carne encanecida chama o Diabo
A festa de aniversário de Pingo de Ouro
A flor da insônia, de pétalas espinhentas
A grande dor das cousas que passaram
A história de Minas passa um momento na Rua Guaicurus
A imagem reproduz-se até o sem-fim
A indolência da odalisca em rosa rubra
Alucinação de mesas
A molécula da memória, extraída
Amor meu, minhas pernas, meu delírio
A natureza grita, apavorante
A Rainha das Formigas ocultou-se
As plantas sofrem como nós sofremos
Assim quisera eu ser
Às vezes o tigre em mim se demonstra cruel
A tarde cai. Nós caímos na tarde
Balé de tiros gritos corpos derrubados
Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu
Cansaram-se de caminhar
Certa rua começa algures e vem dar no meu coração
Cinco estátuas recamadas de verde
Claro que o corpo não é feito só para sofrer
Como acordar sem sofrimento?
Como fazer feliz meu filho?
Conversamos placidamente
Coração-de-Carlos, estrela
Curvilíneos volumes se consultam
De Baudelaire o conselho
De manhã pergunto
Descobri que a vida é bailarina
Doce fantasma, por que me visitas
Dor é incomunicável
Em porcelana cores vivem o par antigo
Em torno de um bordão organiza-se o espírito
Entrega fora de hora
Entre o gasto dezembro e o florido janeiro
Fera
Fez-se a burocrática justiça
Ficou o nome no tempero da comida
Fortuna, ó Glória, se evapora
Implacável ponteiro dos segundos
Já gozaste demais, diz Leda ao cisne
La maison de mon père était vaste et commode

Lua no apogeu
Não mais o sonho, mas o sono limpo
Na rua, mostro
Ninguém está sentado
O amor, o pobre amor estava putrefato
O amor te escolheu
O anjo desprende-se da arquitetura
O ardiloso sorriso
Ó burocratas!
O Conde de Lautréamont
O estandarte do Rei não é de púrpura e brocado
O gato dorme a tarde inteira no jardim
Oh! se te amei, e quanto!
O jardim onde passeia a ausência de razão
Ó minh'alma, dá o salto mortal e desaparece na bruma, sem pesar!
O mundo não merece gargalhada. Basta-lhe
O pássaro é livre
O sacrifício da asa corta o voo
Os maus espíritos introduzem-se
O som envolve a nudez
Para te acordar
Passou?
Plantada na torre do pescoço
Quando estou, quando estou apaixonado
Quando vim da minha terra
Que instinto maternal, que suavidade
Quinhentos homens precipitam-se
Santidade de escrever
Se gostasses de mim
Seja celebrada a alegria nas alturas
Ser o cachorrinho da Duquesa
Sofrer é outro nome
Sou eu ou não sou eu?
Tanajura
Tenho razão de sentir saudade
Universo passado a limpo
Vejo sete cavaleiros
Velhos amores incompletos
27, tem certeza? Não importa
Violino e guitarra são videntes
Visão celestial, doce delírio
Vive dando cabeçada

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro

Sobre detalhe da obra *O miolo da água*,
de Paulo Monteiro, aquarela sobre papel,
37,5 x 27,9 cm, 2011

Latin American and Caribbean Fund.

Digital image © 2016 The Museum of Modern Art,
Nova York/ Scala, Florence

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Ana Maria Alvares

REVISÃO

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0654-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Rol

Filho, Armando Freitas

9788543806211

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Trazendo a morte como pano de fundo, a poética corajosa, madura e sensível de um dos maiores autores em atividade do Brasil.

Em Rol, obra mais recente de Armando Freitas Filho, temas aparentemente banais são tratados com minúcia e revistos por ângulos diferentes, na tentativa de conquistar maior densidade e conhecimento na nova elaboração.

Os poemas desenrolam fatos, desejos e sensações íntimas de uma vida dedicada aos versos – são cinquenta anos de carreira –, tendo como pano de

fundo a morte vista de perto pelo poeta de 76 anos.
Rol é uma obra austera, escrita com afinco e coragem,
que marca o ápice da maturidade de um grande autor
de nosso tempo.

[Compre agora e leia](#)

ORGANIZAÇÃO de
FLÁVIO MOREIRA DA COSTA



O MeLHOR
do HUmOr
BrAsiLeiRo
ANTOLOGIA




COMPANHIA DAS LETRAS

O melhor do humor brasileiro

da Costa, Flávio Moreira

9788543805917

456 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma saborosa antologia do riso na literatura brasileira — gargalhadas, inteligência e alguns dos maiores momentos das nossas letras.

De relatos e poemas anônimos dos primórdios da nossa colonização aos grandes nomes do humor atual, este volume — com textos garimpados durante anos por Flávio Moreira da Costa — é um passeio delicioso e instrutivo pelo olhar brasileiro mais sardônico. Os textos (crônicas, contos, poemas, trechos espertos de peças teatrais e de romances) contam o acidentado percurso do riso em nossa literatura. Modalidade vista

às vezes com algum preconceito pelos letrados mais circunspectos, o humor tem se mostrado uma das forças-motrizes mais vitais e revigorantes das letras brasileiras. Muito deboche e inteligência ao longo de mais de 500 anos.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados.

Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto

um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)



Oliver Sacks

Diário
de
Oaxaca


COMPANHIA DAS LETRAS

Diário de Oaxaca

Sacks, Oliver

9788580869026

128 páginas

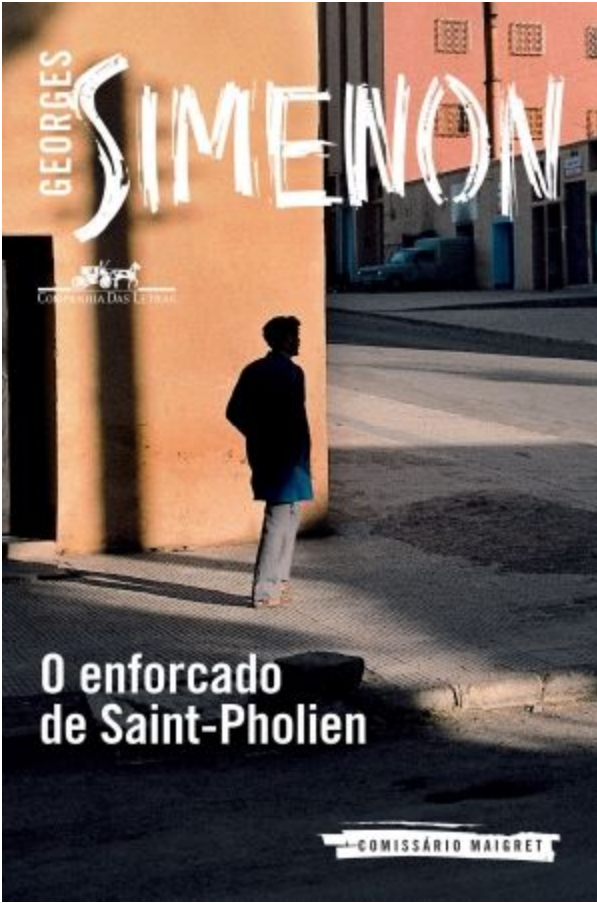
[Compre agora e leia](#)

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus

colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são *sui generis*. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por selvas e grutas, mas protagonizam cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi

roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.

[Compre agora e leia](#)



O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e

Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)